

AS CRIANÇAS NO TIKTOK: UMA ANÁLISE SOBRE A EXPOSIÇÃO INFANTIL NA REDE SOCIAL

CHILDREN ON TIKTOK: AN ANALYSIS OF CHILD EXPOSURE ON THE SOCIAL
NETWORK

LOS NIÑOS EN TIKTOK: UN ANÁLISIS SOBRE LA EXPOSICIÓN INFANTIL EN LA
RED SOCIAL

Glenda Malta de Almeida¹ 0000-0003-1483-085X
Késia Wilds Santos Oliveira² 0009-0008-3838-6005
Viviane de Bona³ 0000-0003-2985-4133

¹Universidade Federal de Pernambuco – Recife, Pernambuco, Brasil; glenda.malta@ufpe.br

²Universidade Federal de Pernambuco – Recife, Pernambuco, Brasil; kesia.santos@ufpe.br

³Universidade Federal de Pernambuco – Recife, Pernambuco, Brasil; viviane.bona@ufpe.br

RESUMO:

O estudo analisa a exposição infantil no TikTok, com foco nos riscos relacionados à superexposição na plataforma. A pesquisa baseou-se na análise qualitativa de 47 vídeos coletados por meio de hashtags específicas e critérios temporais. Os vídeos foram categorizados em dança, memes, tutoriais, desafios, dublagem, conscientização e cotidiano, e os comentários dos usuários foram examinados para identificar percepções sobre as crianças. Os resultados revelam algum tipo de vulnerabilidade, como a sexualização precoce, a exposição a situações perigosas e a instrumentalização infantil para obtenção de curtidas ou lucros. Apesar das diretrizes de segurança do TikTok, que restringem o acesso de menores de 13 anos, verificou-se a insuficiência dessas medidas, com 40% dos vídeos postados por responsáveis e 35% compartilhados sem autorização. Constatou-se que a exposição excessiva afeta o desenvolvimento social e emocional das crianças, evidenciando a importância de ações conjuntas entre plataformas digitais, cuidadores e sociedade para assegurar um ambiente virtual seguro. Recomenda-se ampliar a pesquisa por meio de entrevistas e análises mais extensas para aprofundar a compreensão da interação entre infância e tecnologias digitais.

Palavras-chave: infância; exposição digital; vulnerabilidade; TikTok.

ABSTRACT:

The study analyzes child exposure on TikTok, focusing on the risks associated with overexposure on the platform. The research relied on a qualitative analysis of 47 videos collected through specific hashtags and time criteria. The videos were categorized into dance, memes, tutorials, challenges, dubbing, awareness, and everyday life, and user comments were examined to identify perceptions about children. The results revealed vulnerabilities, such as early sexualization, exposure to dangerous situations, and the instrumentalization of children to gain likes or profits. Despite TikTok's safety guidelines, which restrict access for users under 13, these measures were found insufficient, with 40% of videos posted by guardians and 35% shared without authorization. Overexposure was found to affect children's social and emotional development, emphasizing the importance of joint actions by digital platforms, caregivers, and society to ensure a safe virtual environment. Expanding the research through interviews and

broader analyses is recommended to deepen the understanding of the interaction between childhood and digital technologies.

Keywords: childhood; digital exposure; vulnerability; TikTok.

RESUMEN:

El estudio analiza la exposición infantil en TikTok, centrándose en los riesgos asociados con la sobreexposición en la plataforma. La investigación se basó en un análisis cualitativo de 47 vídeos recopilados a través de hashtags específicos y criterios temporales. Los videos se categorizaron en danza, memes, tutoriales, desafíos, doblajes, concienciación y vida cotidiana, y se examinaron los comentarios de los usuarios para identificar percepciones sobre los niños. Los resultados revelaron vulnerabilidades, como la sexualización temprana, la exposición a situaciones peligrosas y la instrumentalización infantil para obtener "me gusta" o beneficios. A pesar de las directrices de seguridad de TikTok, que restringen el acceso a menores de 13 años, estas medidas resultaron insuficientes, con un 40 % de los videos publicados por tutores y un 35 % compartidos sin autorización. La sobreexposición afecta el desarrollo social y emocional de los niños, destacando la importancia de acciones conjuntas entre plataformas digitales, cuidadores y la sociedad para garantizar un entorno virtual seguro. Se recomienda ampliar la investigación mediante entrevistas y análisis más extensos para profundizar en la comprensión de la interacción entre la infancia y las tecnologías digitales.

Palabras clave: infancia; exposición digital; vulnerabilidad; TikTok.

Introdução

Na contemporaneidade, mediante uma expressa cultura digital, é cada vez mais comum observarmos crianças utilizando celulares e tablets para diferentes fins, uma vez que os dispositivos possibilitam acesso a conteúdos, além de proporcionar uma participação ativa na criação de vídeos em diversas plataformas, inclusive voltados ao entretenimento. Junto a isso, a noção de infância vivenciada em variados contextos adquire distintos significados. Por exemplo, com o surgimento da televisão, advento considerado a ‘virada de chave’ da revolução tecnológica para Postman (1999), a família passou a deixar de ter o papel principal de comunicação, pois os meios de comunicação de massa também assumiram essa responsabilidade (Levin, 2007). Este fenômeno se intensificou com o advento da internet e das redes sociais, que têm desempenhado um papel cada vez mais proeminente na socialização das crianças. O mundo virtual se tornou um espaço onde as pessoas podem se expressar, criar, aprender e se conectar com os outros.

Nesse âmbito das relações complexas da sociedade, a infância foi e é enxergada por diferentes espectros; de historicamente negligenciada até dispor de visibilidade na esfera social e legal. Por sua vez, as crianças passaram a ser compreendidas como sujeitos com direitos e responsabilidades, que possuem um lugar na sociedade e podem falar sobre os seus anseios,

tristezas, receios e opiniões, influenciando também nas decisões familiares (Ravasio; Fuhr, 2013). A partir de 1990, dois anos depois da promulgação da Constituição da República, foi elaborado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O ECA foi criado visando amparar e salvaguardar os direitos de crianças e adolescentes, elevando-os de simples ‘entidades’ para autênticos detentores de direitos. Com isso, surgem prerrogativas específicas para a população jovem, como a valorização da dignidade humana, atribuindo a obrigação conjunta da família, sociedade e Estado em proteger os direitos dos mais jovens. Assim, a criança deixa de ser uma mera figura no âmbito jurídico para um ser de direitos, com garantias e vantagens que, até então, eram reservadas somente aos adultos (Martins, 2009).

Nessa direção, defendemos que as experiências direcionadas para e com as crianças devem favorecer múltiplas possibilidades que abarquem o autoconhecimento, o conhecimento de mundo (físico e social) e, ainda, possam expandir a criatividade. Há que se reconhecer as singularidades das crianças, compreendendo que nos primeiros anos de vida há condições particulares de pensamento e desenvolvimento infantil que, em interação com as distintas experiências sociais, relacionais, tecnológicas, estéticas e afetivas da vida de cada sujeito constroem as diferentes infâncias que (co)existem no mundo e marcam as pessoas por toda a sua existência.

No que diz respeito ao uso e acesso às tecnologias por crianças no Brasil, essa temática tem sido estudada, e há órgãos que fornecem dados relevantes sobre o assunto. Os resultados da pesquisa TIC KIDS Online Brasil, realizada frequentemente pelo (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC), é um exemplo disso. Segundo essa pesquisa, em 2022, 97% das crianças e adolescentes tinham acesso à internet em suas residências. Isso representa um aumento em relação a 2021, quando essa proporção era de 91%. Além disso, dos 97% mencionados anteriormente, 86% possuem pelo menos um perfil ativo em alguma rede social.

Uma rede social é um ambiente digital organizado por meio de interfaces com a finalidade de agregar perfis de usuários com as mesmas características, afinidades, gostos, conceitos, crenças, opiniões semelhantes, expressões semelhantes ou interesses em temas comuns (Musso, 2015). É nesse contexto que se insere o TikTok, uma das redes sociais mais populares atualmente, que também tem sido alvo de pesquisas por instituições como o CETIC, visto que foi apontado como uma rede capaz de possibilitar que o público mais jovem crie e consuma conteúdo de maneira ágil e diversificada, tornando-se uma tendência cada vez mais presente no uso dessas plataformas.

O TikTok é uma plataforma que se destaca como objeto central do nosso campo de estudo. Criado em 2016 pela empresa chinesa ByteDance, o aplicativo é atualmente o mais baixado nas lojas de aplicativos digitais e está entre as dez redes sociais mais acessadas do mundo, com mais de 1 bilhão de downloads. Desde sua introdução no Brasil, em meados de 2019, o TikTok tem se destacado pela capacidade de atingir uma audiência estratégica: crianças e jovens conectados que frequentemente consomem ou produzem vídeos de humor, dublagens de músicas, filmes e séries. A partir desse crescente acesso, questionamos como as crianças são expostas na plataforma TikTok e nas postagens que circulam, e quais são as possíveis implicações e desafios para a proteção da infância na era digital? Justifica-se a produção da presente pesquisa em função da relevância de uma abrangente apuração dos efeitos e implicações da exposição infantil nessa plataforma social, a fim de inferir uma abordagem mais responsável e segura para o envolvimento de crianças nas mídias sociais.

Portanto, tivemos como objetivo analisar a exposição da criança na plataforma TikTok, em busca de identificar que tipo de conteúdo é publicado e quais os desafios que se impõem a partir de uma exposição que demarca o tratamento oferecido à criança pela sociedade, em especial por seus responsáveis. Para alcançar tal objetivo, realizamos uma análise de conteúdo das postagens na plataforma Tik Tok, que seguiu etapas para coleta e análise dos dados de forma simultânea. Foram definidos critérios de tempo e hashtags específicas para a seleção das postagens. Realizamos a extração de informações detalhadas das publicações, a fim de registrá-la e posteriormente categorizá-las. Nos atentamos também aos comentários feitos nessas postagens pelo público que consome e compartilha tais vídeos. Esses elementos possibilitaram a identificação dos principais tipos de conteúdo publicados no TikTok, relacionados às crianças da faixa etária entre um e oito anos e possíveis sentidos atribuídos às crianças na sociedade.

Transformações sociais e tecnológicas na concepção e vivência das infâncias contemporâneas

As alterações sociais contínuas têm influenciado no como a infância é vivenciada e compreendida. Com o avanço tecnológico, grande parte das crianças dispõem de um livre acesso ao mundo da mídia digital, alcançando uma quantidade exacerbada de informações e influências que alteram a sua interação com o meio em que vivem. De acordo com Isabel Orofino (2012), as transformações históricas que afetam as concepções conceituais da infância na sociedade contemporânea envolvem não apenas fatores como variações climáticas, internacionalização da economia, identidades coletivas e sociais e desenvolvimentos na mídia,

mas também mudanças nas estruturas familiares, avanços tecnológicos e científicos, entre outros. Essas mudanças contínuas na sociedade podem afetar a forma como a infância é compreendida e vivenciada, tornando necessário um olhar crítico e reflexivo sobre as concepções e práticas relacionadas à infância.

Assim, a infância é uma criação da sociedade sujeita a mudar sempre que surgem transformações sociais mais amplas. O apogeu da infância tradicional durou aproximadamente de 1850 a 1950. Durante este período, protegidas dos perigos do mundo adulto, as crianças foram retiradas das fábricas e colocadas em escolas. À medida que o protótipo da família moderna se desenvolveu no final do século XIX, o comportamento apropriado dos pais para com os filhos se consolidou em torno de noções de carinho e responsabilidade do adulto para com o bem-estar das crianças. (Steinberg; Kincheloe, 2001, p. 12).

Corroborando com a citação acima, a autora Renata Tomaz (2019) traz que a concepção de infância se transformou ao longo do tempo. Na modernidade, a infância era vista como uma fase voltada para a formação de um indivíduo apto a contribuir para a sociedade. Porém, atualmente, a percepção de infância é diferente, considerando-a um período para o desenvolvimento pessoal da criança, em que ela tem o direito de ser criança antes de se tornar um adulto produtivo, embora continue sendo uma fase de preparação.

Além das mudanças na estrutura familiar e do aumento do poder de decisão econômica das crianças, como apontado por Sarmiento (2004), existem outras transformações que influenciam a infância na sociedade atual. Dentre elas, podemos citar o aumento do acesso à informação e a tecnologia, a diversidade cultural e a multiplicidade de identidades de gênero e sexualidade. Tomaz (2019) discute um pouco sobre esses fatores e aponta três motivos fundamentais para essa mudança de perspectiva:

Em primeiro lugar, o alastramento das crianças nas redes sociais permite sua presença pública no espaço da internet sem que para isso precise deixar a intimidade do seu lar. Em segundo lugar, o acesso delas às mídias digitais e tecnologias oferece diferentes modos de atender à urgência de constituir-se no mundo por meio de um projeto visível de subjetividade. E, por fim, ao revelarem suas vivências e experiências através dos vídeos, as crianças fazem chegar à esfera pública temáticas do seu cotidiano, as quais conferem importância. (Tomaz, 2019, p. 16-17).

Esses fatores contribuem para a complexidade das relações sociais e familiares, bem como para a ampliação do espectro de experiências da infância. Desta forma, fica perceptível que a mudança no que se entende por infância se associa a como as interações sociais e a formação de nossos valores e crenças numa determinada sociedade são influenciados por fatores econômicos, históricos e culturais. No entanto, pressupõe-se que tais valores e

ideologias partilhadas de um determinado grupo social, também são influenciadas pelas informações que chegam por meio das mídias sociais, sejam elas notícias com embasamento de cunho científico ou não. Assim, essa noção de infância construída socialmente percorre num sentido onde as relações sociais acabam desempenhando um papel ativo na criança como ser social.

As tecnologias digitais são uma realidade presente em nossos dias e o uso dessas mídias vem se tornando cada vez mais comum a cada ano e estão cada vez mais presentes na vida das crianças na contemporaneidade (Lima; Santos; Covaleski, 2020), seja por meio de brinquedos robóticos, tablets ou outras ferramentas. Nesse contexto, as crianças estão se tornando cada vez mais inseridas no universo digital, visto que estão expostas a diversas mídias desde cedo, incluindo televisão, videogames, computadores, internet e outros recursos eletrônicos, conforme destacado por Marangon (2011).

De acordo com um estudo realizado pela UNICEF (2017) sobre a infância no contexto digital, uma em cada três pessoas que usam a internet em todo o mundo é uma criança. Essas crianças são consideradas "nativas digitais" (Prensky, 2001), ou seja, uma geração que cresceu cercada de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), smartphones, dispositivos e mensagens instantâneas, o que alterou diariamente a maneira de viver e ser criança, visto que “não há como pensar na infância contemporânea sem pensar nos múltiplos fragmentos culturais que a constituem” (Petersen; Schimidt, 2014, p. 39).

Para Buckingham (2007), entender as mídias não se resume apenas ao que se passa na mente das crianças, mas é essencialmente um fenômeno social. O autor acredita que as tecnologias digitais proporcionam formas interativas de comunicação e as crianças estão cada vez mais imersas nesse universo desde cedo. Elas interagem constantemente nesse meio tecnológico e se envolvem com as novas possibilidades oferecidas pelas mídias digitais.

De um lado estão aqueles que argumentam que há um crescente abismo de gerações no uso das mídias [...]. Longe de apagar as fronteiras, as mídias são vistas aí como responsáveis por um fortalecimento delas [...], uma vez que a habilidade das crianças com as tecnologias lhe oferece acesso a novas formas de cultura e comunicação que em grande parte escapam ao controle dos pais” (Buckingham, 2007, p. 18).

O papel das tecnologias e mídias digitais na exposição das crianças ao mundo permite que elas sejam notadas, ouvidas e participem de discussões, podendo até mesmo influenciar as tendências. O compartilhamento da rotina e do cotidiano das crianças nas redes sociais pode levá-las a alcançar a fama, uma vez que a mídia exerce um papel influenciador na sociedade (Lima; Santos; Covaleski, 2020).

As redes sociais online transformaram completamente as formas como as pessoas se comunicam e compartilham informações no espaço virtual, modificando as interações sociais tanto dentro quanto fora desse ambiente digital (Recuero, 2009). O aplicativo TikTok é atualmente uma das redes sociais mais populares do mundo, e foi desenvolvido para que os usuários possam criar, editar e compartilhar vídeos curtos com uma variedade de temas, incluindo comédia, exercícios físicos, dança, receitas, tutoriais de maquiagem, música, entre outros. A ferramenta de edição oferecida pelo aplicativo permite que os usuários desenvolvam sua criatividade e criem vídeos facilmente usando seus smartphones. No Brasil, a pesquisa TIC KIDS revelou que em 2022 o TikTok foi uma das principais redes sociais utilizadas por crianças e adolescentes, ficando em empate com a outra rede social, o Instagram, com 35% cada. O país é o segundo maior consumidor da plataforma TikTok, ficando atrás apenas da China, criadora dela.

No entanto, é importante ressaltar que a exposição excessiva nas redes sociais pode trazer alguns riscos, como a exposição de informações pessoais e a vulnerabilidade a ciberataques. Além disso, o uso exagerado pode ter efeitos negativos na saúde mental das pessoas. Essas redes sociais, como o TikTok, o Instagram e Facebook, por exemplo, também podem distorcer a visão da realidade das crianças, criando padrões estéticos, comportamentais e de consumo. Esse excesso de exposição pode ser prejudicial, especialmente para um público jovem e imaturo que ainda não possui uma compreensão crítica de tais questões (Contrera; Schiavo, 2017).

Para esses sujeitos, é essencial compreender como e quando usar essas tecnologias, bem como saber onde se encontram os limites entre o virtual e o real. Alguns autores têm proposto categorias para descrever as características desses sujeitos, como "infância multimídia", "cyber-infância", "millennials", "prosumidores" e "infância virtual" (Dornelles 2005, Levin 2007, Kelly 2011). Embora haja diferenças entre essas propostas, todas elas evidenciam uma nova compreensão de infância e juventude fortemente relacionada com tecnologias digitais. No entanto, é importante notar que o uso dessas tecnologias não é uma realidade para todas as crianças brasileiras, mesmo dentro dos contextos urbanos.

A falta de medidas de proteção nas redes sociais digitais representa um grande desafio para a sociedade na totalidade, exigindo a responsabilidade conjunta de empresas, famílias e instituições em garantir a proteção integral desse público vulnerável. Além disso, a crescente presença da tecnologia na vida das crianças revisita questões relacionadas ao uso excessivo e descontrolado de dispositivos digitais, como a dependência tecnológica, a falta de contato com

a natureza e com outras formas de lazer e sociabilidade, e a exposição a conteúdos impróprios e prejudiciais.

A proteção infantil nas redes sociais ainda é limitada e apresenta desafios para os sujeitos responsáveis pela proteção abrangente desse público, conforme afirmado por Lima, Santos e Covaleski (2020). Em suma, ser criança na era digital pode ser desafiador, mas com a orientação adequada, as crianças podem aproveitar as oportunidades positivas da tecnologia enquanto navegam pelas redes sociais. Pois as crianças também devem ter o direito à privacidade e ao respeito em sua presença online. Desta forma, é de grande importância que os pais e cuidadores considerem a permissão da criança antes de postar fotos ou informações sobre elas nas redes sociais e respeitar suas escolhas e limites em relação à tecnologia.

É importante salientar, que a proteção e a representação adequadas das crianças na plataforma do TikTok exigem uma abordagem contínua e colaborativa. “[...] As crianças não são adultos, portanto não podem ter acesso às coisas que os adultos definem como “suas” e que acredita ser os únicos capazes de compreender e controlar” (Buckingham, 2007, p.29). Pois, algumas das preocupações mais comuns incluem a exposição a conteúdos inapropriados, o cyberbullying, a exploração sexual online, além do vício em tecnologia e a interferência nas interações pessoais das crianças. Como a manifestação jurídica sobre a concepção de criança como indivíduos de direito se deu na Constituição Federal de 1988 - CF 88 e foi normatizada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, torna-se notória a garantia da necessidade que as mídias sociais adotem medidas para proteger a privacidade e a segurança das crianças em suas plataformas, bem como para fornecer informações claras e adequadas sobre o uso seguro e saudável das mídias sociais para as próprias crianças.

A fase da primeira infância é crucial, pois é a base para todo o desenvolvimento futuro da criança. É importante educá-las desde cedo sobre o uso adequado das tecnologias, acompanhando seu desenvolvimento e incentivando uma visão crítica e inteligente. No entanto, isso tem se mostrado um grande desafio, especialmente considerando o papel das crianças na sociedade atual e o impacto das Tecnologias Digitais. A compreensão da infância como uma construção social, conforme nos orientou Ariès (2006), torna essa tarefa complexa, exigindo múltiplas perspectivas sobre o tema. Uma vez que tal compreensão das infâncias como uma formação social certifica que o conceito de infância e as normas a ele associadas não são universais, mas sim moldadas pelas condições históricas e pelos resultados das interações culturais e sociais a longo prazo.

Metodologia

Para atender os propósitos desta investigação a fim de compreender a exposição da criança no TikTok, assim como nas postagens realizadas nessa plataforma, desenvolvemos uma investigação de caráter qualitativa. De acordo com Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa adota uma perspectiva interpretativa em relação à realidade, onde os investigadores analisam os elementos em seus contextos naturais, buscando compreender os fenômenos por meio dos significados atribuídos pelas pessoas a eles.

Com base nos objetos identificados diretamente na plataforma TikTok, iniciamos o estudo pelo exame do volume global de interações que cada postagem selecionada por meio de uma busca por hashtags específicas acumulou. Deste modo, utilizamos esses dados para acessar certas perspectivas sobre a representação infantil na plataforma e a percepção dos demais usuários sobre ela. Isso nos conduziu à dimensão qualitativa da investigação, realizada por meio da análise do conteúdo da plataforma digital. Buscamos compreender os comportamentos e atitudes retratados nos vídeos, fazendo inferências sobre as mensagens subjacentes e como as crianças são apresentadas. Esse método nos permite captar nuances e contextos que os simples números não revelam, oferecendo uma visão mais holística e interpretativa do conteúdo e das interações na plataforma. Sendo assim, seguimos a avaliação do material obtido conforme as etapas definidas por Bardin (2011): pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados.

O foco das postagens escolhidas foi em crianças de 1 a 8 anos, abrangendo diversas realidades sociais, gêneros e raças. Foram analisados 47 vídeos do TikTok selecionados com base no tempo de publicação, quantidade de interações e conteúdo apresentado. A análise centrou-se em como as crianças são retratadas na plataforma, dando prioridade aos vídeos onde elas são o destaque, seja dançando, compartilhando seu cotidiano ou sendo alvo de anedotas inapropriadas. A coleta e análise dos dados foi conduzida em cinco etapas distintas, conforme mostrado no diagrama e nas descrições da figura 1.

Figura 1 - Esquema ilustrativo das etapas da pesquisa.



Fonte: as autoras (2023).

Na etapa seleção das publicações, foram selecionadas postagens através da busca por hashtags específicas, tais como: #crianças tiktok, #tiktok infantil, #viral infantil e #viral crianças. Separamos as postagens no período delimitado de seis meses de publicações, contando da data de busca entre janeiro e julho de 2023, através do filtro “Mais relevantes” presente na plataforma. Com essas hashtags foi possível delimitar o escopo da pesquisa e identificar publicações relevantes em número de curtidas e compartilhamentos, relacionadas às crianças na plataforma. Ao total, foram selecionados 47 vídeos para a análise.

Durante a etapa de "coleta de dados das publicações", observamos diretamente os vídeos selecionados e fizemos anotações detalhadas sobre as informações neles contidas. Uma planilha Google foi criada a fim de registrar informações como “Hashtag de pesquisa”, “Título da postagem”, “Descrição da publicação”, ou seja, alguma frase ou texto associada a postagem, “Data de publicação” que estava dentro do período de seis meses, “Perfil de publicação”, categorizando se eram pais, crianças ou perfil sem ligação que fazia essas postagens, “Categoria do vídeo” definida pelas autoras a partir da percepção dos vídeos selecionados, “Viral”, a qual

categorizamos se o vídeo havia batido uma quantidade grande de visualizações e compartilhamentos, tornando-o comentado por todos, “Quantidade de curtidas”, “Quantidade de comentários”, “Quantidade de compartilhamento” e “Principais comentários”. Essa abordagem possibilitou a obtenção de informações relevantes sobre a popularidade e interações das publicações, além de contribuir na análise desses dados

Na etapa de categorização das publicações, as postagens selecionadas foram categorizadas em diferentes tipos, a partir da percepção enquanto pesquisadoras e consumidoras da plataforma. Ou seja, essa categorização foi realizada com base em uma análise visual das postagens, assim como nas palavras-chave utilizadas pelos usuários nas descrições ou comentários, permitindo uma melhor compreensão dos temas abordados. Delimitamos as seguintes categorias: “Dança”, representando os vídeos que possuíam alguma coreografia feita pela criança, “Meme”, para os vídeos que possuísem algum tom de comédia ou humor, “Tutorial”, seguindo a lógica de um vídeo explicativo ou que trazia algum ensinamento de como fazer determinada ação ou objeto, “Desafio”, para aqueles que trouxessem um caráter de jogos, competição ou na tentativa de alcançar algum objetivo proposto na internet, “Dublagem”, referente a vídeos que as crianças estariam narrando alguma cena a partir de um áudio previamente gravado por outra pessoa, “Conscientização”, para vídeos que tivessem alguma reflexão ou conscientização principalmente sobre a exposição na mídia, e “Cotidiano”, referente a vídeos que mostrassem alguma parte do dia em que a criança estivesse participando.

Na etapa denominada ranking das categorias, a partir das categorias pré-definidas e seleção das postagens com os respectivos dados, realizamos um ranking contendo gráficos a respeito das categorias populares no TikTok, perfis de publicação e hashtags mais utilizadas, comparando a quantidade de postagens em cada uma delas, podendo assim, identificar quais tipos de conteúdo relacionados às crianças são mais disseminados e populares na plataforma.

Por fim, na análise dos comentários, além da seleção e extração dos dados presentes nas publicações, realizamos também uma extração dos comentários deixados pelos usuários nas postagens selecionadas, submetendo a uma análise minuciosa dos mais relevantes. Sendo assim, conseguimos verificar a percepção dos usuários em relação à presença e à representação das crianças na plataforma do TikTok, proporcionando insights importantes sobre as opiniões e sentimentos da comunidade em relação ao tema.

Todos os procedimentos metodológicos adotados durante a pesquisa foram devidamente documentados de forma clara e detalhada. Além disso, foi assegurado o cumprimento rigoroso das normas éticas no decorrer da pesquisa, preservando a privacidade e os direitos autorais dos usuários do TikTok envolvidos no estudo.

Resultados

Apresentamos os achados da pesquisa sobre a presença das crianças na plataforma TikTok, focando na influência tecnológica e sua relação com a exposição excessiva. Os dados coletados evidenciam o alcance que esta rede social pode ter sobre o desenvolvimento social e emocional das crianças.

A vulnerabilidade das crianças é acentuada quando expostas frequentemente nas redes, recebendo feedbacks, muitas vezes, baseados em suas aparências ou comportamentos. Esta exposição coloca-as em uma posição delicada no universo online, dada a influência marcante da mídia sobre suas expectativas e comportamentos. Como mostrado na figura 2, temos 03 dos mais de 29 mil comentários realizados em uma postagem com uma criança que está dançando uma música de funk, chamada “Pique, Piquezin X Cintura Ignorante”, muito utilizada em diversos vídeos da plataforma. A publicação teve mais de 1 milhão de curtidas e apesar de não parecerem comentários maldosos, ainda assim demonstram uma expectativa ao ver a criança dançando, elogiando sobre como ela dança melhor que as próprias pessoas do comentário, além de um comentário com uma visão de utilizar a criança como forma dos pais conseguirem lucrar em cima do “talento” dela.

Figura 2 - Vídeo publicado contendo uma criança dançando e comentários a respeito dessa publicação na plataforma.



Fonte: retirado do TikTok (2023).

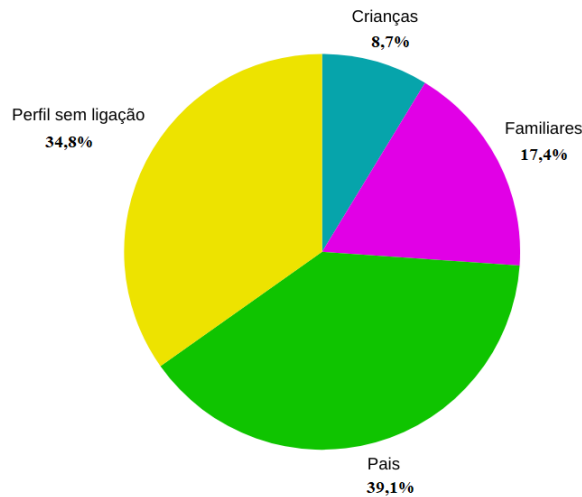
Segundo Araújo (2016), em um contexto social fluido, onde as estruturas são instáveis e tudo parece ser aceitável, os direitos inerentes à infância são frequentemente desrespeitados. A excessiva exposição de crianças, especialmente quando envolvem atos de conotação erótica

ou a interpretação de músicas de conteúdo sexual, coloca em risco a integridade desses indivíduos. Ao serem submetidas a tais situações, todas as crianças envolvidas nesse "show" tornam-se suscetíveis a profundos danos emocionais e morais. Isso pode levar a uma maturação sexual antecipada, comprometendo sua saúde mental e bem-estar. Logo, é crucial atentar-se às transformações tecnológicas, uma vez que esta se encontra em constante evolução com a capacidade de afetar diretamente as crianças e a percepção que se tem delas.

É imperativo reconhecer a rapidez com que a tecnologia evolui e sua potencial influência sobre as crianças e a imagem que a sociedade constrói delas. O TikTok, como uma das principais plataformas de mídia social, estabelece diretrizes para proteger as crianças e gerenciar conteúdos reportados. No entanto, há momentos em que essas medidas podem não ser suficientes para evitar a disseminação de conteúdos nocivos. A plataforma toma ações corretivas, como remover conteúdos ofensivos ou suspender contas, e, em situações extremas, reportar às autoridades.

Além de tudo isso, o TikTok tenta também restringir o acesso de crianças a conteúdos prejudiciais, estabelecendo, por exemplo, uma idade mínima para a criação de contas. No entanto, apesar das diretrizes do TikTok não permitirem que crianças abaixo de 13 anos criem contas, ainda identificamos, a partir dos 47 vídeos coletados pelas hashtags, uma porcentagem de 8,4% de perfis pertencentes a crianças na plataforma que postam assiduamente vídeos de diversas categorias e expõem abertamente seus rostos. Sendo assim, ressaltamos a importância do papel dos pais ou responsáveis no monitoramento das atividades online de seus filhos, pois a segurança das crianças na web é uma responsabilidade conjunta entre plataformas, cuidadores e os próprios usuários. É crucial destacar que há indivíduos que deliberadamente acessam a internet com o propósito de localizar crianças vulneráveis e expostas, visando vitimá-las (Araújo, 2016). Estes predadores online utilizam de diversas estratégias e ferramentas para se aproximar e manipular suas vítimas, explorando a ingenuidade e a curiosidade natural das crianças. A crescente digitalização da sociedade e a facilidade de acesso à internet por crianças ampliam os riscos e desafios na proteção deste público. Contudo, é alarmante notar que, dessa quantidade de vídeos que analisamos, quase 40% são postados por essas figuras parentais, além dos 17% de familiares dessas crianças, conforme mostrado no gráfico 1:

Gráfico 1 - perfis de publicações dos vídeos no TikTok

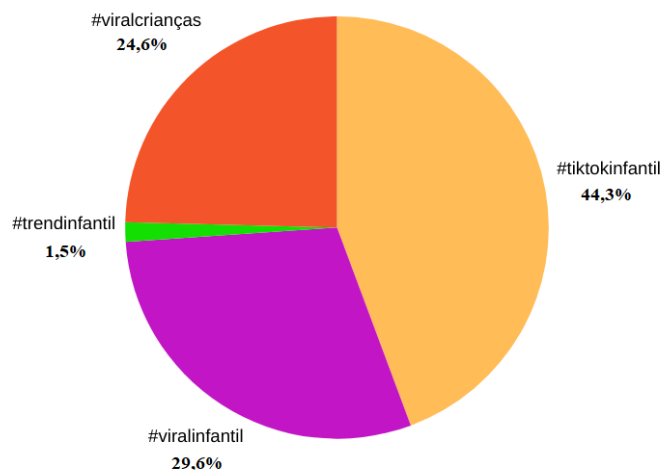


Fonte: as autoras (2023).

Durante a coleta de dados na plataforma, um aspecto preocupante que observamos foi a presença de publicações categorizadas como "sem ligação" com as crianças exibidas nos vídeos. Aproximadamente 35% dos criadores desses conteúdos compartilharam vídeos sem a devida autorização dos responsáveis. Isso foi evidenciado pela ausência de créditos na descrição e pela falta de indicações que sinalizasse o uso legítimo da imagem. Dessa forma, identificamos que, além da mera exposição, a possibilidade de ter seu material divulgado e replicado repetidamente é uma ocorrência bastante comum no TikTok.

Atingimos uma análise prévia dos 47 vídeos coletados mais relevantes, que nos permitiram chegar a resultados gráficos das hashtags, categorias dos vídeos e perfil de publicação, como mostrado no gráfico 2:

Gráfico 2 - hashtags pesquisadas dos vídeos no TikTok.



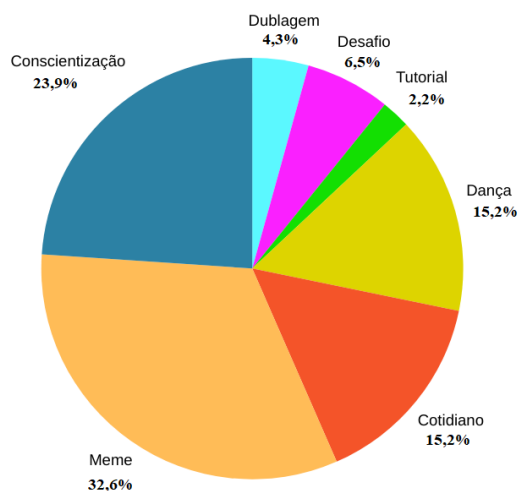
Fonte: as autoras (2023).

Através do gráfico 2, tivemos a percepção das hashtags encontradas dentro da plataforma do TikTok, que colocam em evidência as crianças. Das 04 hashtags utilizadas para essa pesquisa, a predominância de vídeos relevantes se deu na #tiktokinfantil, que resultou quase 45% dos vídeos coletados. Em contrapartida, a hashtag #trendinfantil resultou em apenas 1,5% dos vídeos selecionados, devido a pouca disponibilidade de material relevante postado nela.

Tais hashtags são criadas pelos usuários e vão sendo associadas ao conteúdo enquanto são utilizadas nas postagens. As hashtags têm um papel fundamental dentro da plataforma de mídia social, ajudando na organização e viabilização dos conteúdos. Uma vez que alguém clica ou pesquisa por uma hashtag específica, aparecem todas as postagens marcadas com essa hashtag. Isso é particularmente útil para encontrar conteúdo novo e relevante. Desta forma, elas detêm uma capacidade de aumentar a visibilidade, o usuário passa a ter um alcance ampliado ao usar hashtags relevantes, que podem aumentar o engajamento nas suas postagens, uma vez que pessoas interessadas no assunto podem interagir com sua postagem, curtindo, comentando ou compartilhando. Como também, facilitam a conexão de interesses sobre o mesmo tópico, fazendo com que possa ter várias comunidades virtuais, onde os usuários se conectem, compartilhem experiências e ideias, e construam relacionamentos virtuais.

Outro parâmetro que utilizamos na análise foi o de categorias de vídeos postados, com a intenção de mapear aquilo que era de interesse dos perfis de publicação, além de mostrar em qual sentido e/ou conteúdo as crianças estavam sendo submetidas a realizarem. Essas categorias foram por nós denominadas a partir do conteúdo apresentado no vídeo e estão apresentadas no gráfico 3:

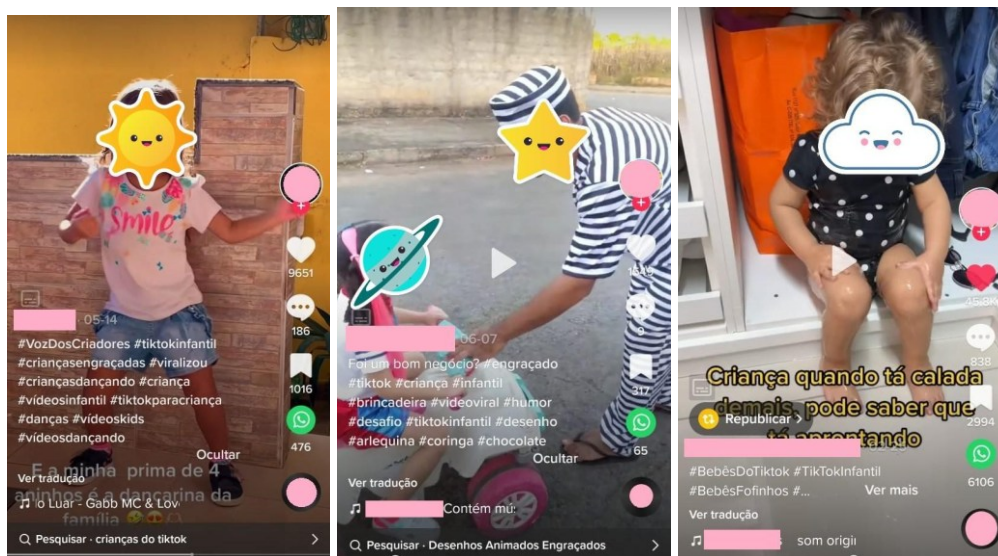
Gráfico 3 - categorias das publicações dos vídeos no TikTok.



Fonte: as autoras (2023).

Conforme ilustra o gráfico 3, a categoria mais frequente nas análises foi "Meme", abrangendo pouco mais de 30% dos casos, onde os vídeos apresentaram um teor humorístico. Em seguida, com 15,2% cada, temos duas categorias: uma que destaca o dia a dia das crianças, seja na escola, em casa com a família ou em eventos; e outra denominada "Dança", que exhibe crianças executando coreografias de músicas populares de artistas como Pedro Sampaio, Anitta e Leo Santana. Alguns exemplos desses vídeos podem ser vistos na figura 3 a, b e c:

Figuras 3a, 3b e 3c - vídeos publicados na plataforma Tik Tok.



Fonte: retirado do TikTok (2023).

Além dos dados quantitativos e exemplos mostrados acima, nos propomos a analisar 04 vídeos virais dos 47 coletados, a fim de nos aproximar dos sentidos que são atribuídos às crianças expostas nessa rede. Os vídeos considerados como virais possuem uma característica específica: possuem muitas visualizações e compartilhamentos, podendo ser visto nas timelines de muitos usuários que não necessariamente seguem a conta. Os vídeos virais analisados serão descritos a seguir.

O primeiro vídeo considerado viral possui cerca de 30 mil curtidas e mostra uma criança no colo da mãe em um ambiente parecido com um supermercado. Ao ver um manequim vestido com um roupão, a criança inocentemente tira a parte que mostra os seios da boneca para realizar a ação que ela provavelmente deve fazer com sua mãe que é a de se alimentar (amamentação). Os mais de 600 comentários são de usuários da plataforma com identificação de fotos masculinas, indicando que são homens. Tais comentários mostram uma ação de sexualização do ato que inocentemente aconteceu, mas que através dos comentários realizados, reforçam

se encaixar ou de ser visto como " másculo", onde o gênero masculino representa um indivíduo de autoridade cujo poder é transmitido de geração em geração. Tal fato também pode contribuir para que a criança adote comportamentos inadequados para a idade.

Contudo, é válido salientar que quando a criança é exposta corriqueiramente ao desenvolvimento de uma sexualização precoce, acaba criando efeitos negativos em seu desenvolvimento emocional, psicológico e social. “Quando crianças realizam cenas eróticas [...] estão vulneráveis a demasiado dano moral, pois sua integridade psíquica é abalada, existindo um desenvolvimento sexual precoce.” (Aguiar, Araújo, Niebuhr, 2019, p.8) Assim, uma criança pode sofrer danos físicos e prejuízos psicológicos como resultado da sexualização precoce. Além de violar a sua dignidade ao expor sua imagem, também a coloca frequentemente em situações perigosas, podendo prejudicar o desenvolvimento de uma identidade de gênero saudável.

O segundo vídeo viral analisado retrata uma garotinha cantando uma música que ela e seu falecido pai costumavam cantar juntos. A emoção da criança é palpável, e o contexto sugere que a música traz lembranças dolorosas da perda de seu pai, como podemos ver na figura 5:

Figura 5 - vídeo viral publicado no TikTok e comentários relacionados à postagem.



Fonte: retirado do TikTok (2023).

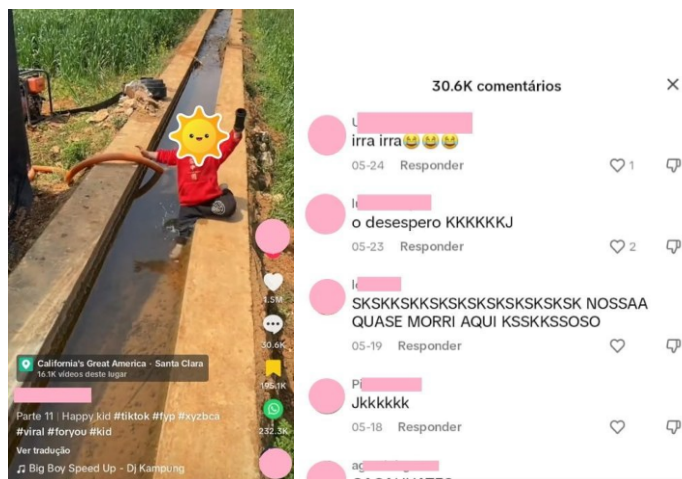
Em relação a esse vídeo, a primeira e mais evidente preocupação é a exposição da vulnerabilidade da criança. Embora possa ter sido compartilhado com boas intenções, ele coloca a criança em uma posição de fragilidade diante de uma vasta audiência. A dor e a tristeza da criança tornam-se um espetáculo para os espectadores, muitos dos quais podem não ter uma conexão pessoal ou genuína com a criança. Com mais de 600 mil visualizações, o vídeo atraiu

uma ampla gama de reações. Embora muitos se compadeçam e expressem simpatia, a questão principal é se a criança deveria ter sido exposta dessa forma em primeiro lugar. A compaixão do público, ainda que bem-intencionada por meio dos comentários, não justifica o compartilhamento inicial, visto que essa exposição pública de momentos íntimos e dolorosos pode ter implicações psicológicas a longo prazo para a criança. É importante salientar que, as crianças têm o direito à privacidade e a publicação de vídeos em momentos vulneráveis de choro viola a sua intimidade. Assim, elas podem sentir-se envergonhadas ou magoadas com o compartilhamento de seus momentos de vulnerabilidade, que podem atrair a atenção indesejada de pessoas.

Ela pode se tornar mais consciente ou insegura sobre expressar seus sentimentos, sabendo que esses momentos podem ser compartilhados com um público amplo. Assim como apontado por Oliveira (2021), esses prejuízos podem ser duradouros para a mente das crianças em crescimento. Ao encontrarem fotos e vídeos que não lhes agradam no momento, espalhados por uma vasta audiência que respondeu, comentou e divulgou para que mais pessoas vissem, isso pode levar a profundos problemas de autoimagem e aceitação nesses futuros jovens.

O terceiro vídeo viral retrata uma criança pulando de um lado para o outro num canal cheio de água, que acaba levando uma queda. Todo esse fato acontece com a supervisão de um adulto, que apenas grava o ocorrido sem nenhum tipo de intervenção. Uma vez que, tal queda poderia levar o risco da criança fraturar a cabeça, pernas e braços. Como também ocasionar o risco de morte por afogamento. Vejamos a figura 6.

Figura 6: vídeo viral publicado no TikTok e comentários relacionados à postagem.



Fonte: retirado do TikTok (2023).

A integridade física de uma criança é de extrema importância em todas as áreas da vida, incluindo nas mídias sociais. Assim, a divulgação de vídeos onde crianças se machucam fisicamente na internet é altamente prejudicial e inaceitável. Isso pode ter várias implicações negativas, para a criança envolvida, como a exposição de crianças a uma situação perigosa que pode causar ferimentos reais e danos à sua saúde física e emocional. Entretanto, os perigos das mídias sociais sobre a não proteção da integridade física pode ocasionar um impacto emocional para os usuários, uma vez que passam a testemunhar uma criança sendo ferida ou sofrendo.

No entanto, os comentários encontrados reforçam como uma criança correndo risco de vida não gera nenhum incômodo social, e que uma grande parcela da sociedade não compreende que crianças são pessoas. Tal fato faz com que esses tipos de vídeos com comportamento prejudicial e insensível sejam normalizados, contribuindo para uma sociedade normalize tudo por um "like" e acabe estimulando o conteúdo de crianças sendo maltratadas. Criando assim uma cultura online tóxica, onde não há uma geração de crianças respeitadas.

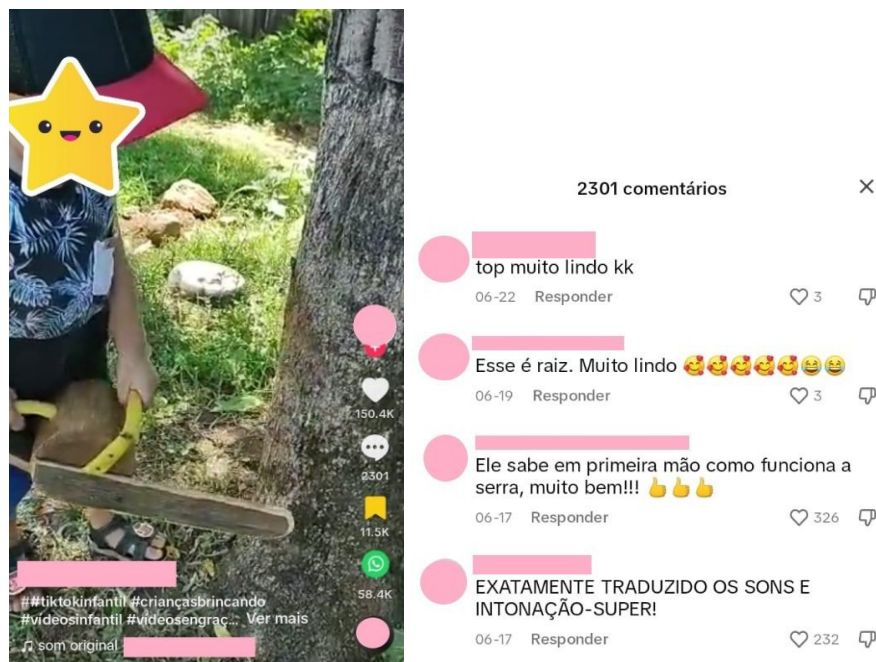
Ademais, a criança pode não ter capacidade para consentir com essa exposição. Mesmo sendo fundamental que obtenham a permissão da criança informando-a antes de compartilhar qualquer conteúdo relacionado a ela nas mídias sociais, fica evidente que muitas não compreendem suas próprias emoções ou como tal vídeo pode estar violando a sua integridade. Sendo assim, deve ser mantido o direito à privacidade, incluindo sua presença online, para que seja garantido que ela não seja exposta a situações que possam comprometer sua segurança física.

Contudo, vale ressaltar que em casos graves pode existir uma responsabilidade legal para aqueles que compartilham vídeos com conteúdos que violam a integridade física da criança, incluindo acusações de abuso infantil, difamação, entre outros. Por isso, a existência das leis específicas para proteger a privacidade e a segurança das crianças online é fundamental para garantir a integridade física das crianças nas mídias sociais. Nesse caso, o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei N°. 8.069/1990) pode ser aplicado. Onde em seu artigo 17 declara que é dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente a proteção contra exposição a conteúdos inadequados na internet. Pois a exposição pública de uma criança que se machuca viola sua privacidade e dignidade, ferindo a garantia do direito a uma infância segura e protegida. Por isso, o seu bem-estar deve ser prioridade máxima em todas as situações.

Já o quarto e último vídeo analisado dessa sequência de vídeos virais, retrata uma criança manipulando uma serra elétrica confeccionada, onde ela passa a realizar estímulos sonoros e físicos, que representam a máquina na tentativa de cortar a árvore que se encontra à sua frente. Uma representação de algo que ela presencia no seu cotidiano, em um ambiente

arborizado, faz com que a criança observe e tenha tendência de imitar uma ação adulta vista como uma espécie de diversão. No entanto, no vídeo (figura 7) se destaca uma exposição precoce da criança a uma atividade que gera responsabilidade comum para um adulto. Podendo gerar efeitos negativos da adultização sobre a criança, expondo-a a riscos sociais e emocionais:

Figura 7: vídeo viral publicado no TikTok e comentários relacionados à postagem.



Fonte: retirado do TikTok (2023).

O fato de uma criança brincar ou participar cotidianamente de atividades adultas não significa ser algo necessariamente prejudicial, desde que tais atividades sejam moderadas e com uma supervisão apropriada. Porém, é válido destacar que, não somente comportamentos adultos são estimulados, como também os tipos de comportamentos que são passados. No vídeo em destaque, o comportamento é de degradação ambiental, passando para a criança a ideia de que é correto cortar uma árvore.

Esse tipo de comportamento no vídeo é aplaudido e reforçado pelos adultos que consideram uma atitude correta advinda de uma criança. Isso demonstra que tais comentários potencializam o incentivo para a criança agir, se vestir ou se comportar de maneira adulta, algo que difere da sua idade real. Além de não levar em consideração que esse tipo de atividade adulta pode ser perigosa para a criança, visto a existência de riscos físicos.

Um dos comentários traz o estereótipo de uma "criança raiz", que parece dar destaque às tarefas que são do contexto dos adultos feitas pela criança. Esse comentário pode agregar dois lados o de estar rotulando-a de maneira prejudicial, ao limitar o seu desenvolvimento

peçoal pela pressão de se encaixar a esse estereótipo. Ou de considerar alguém que está sendo estimulado a seguir nas atividades realizadas pela família.

Todavia, as crianças precisam de tempo para brincar e explorar atividades que sejam adequadas à sua idade para que possam ter o desenvolvimento da sua infância. Já que, a exposição da criança demasiadamente a atividades de cunho adulto pode ter como consequência a perda de oportunidade de desfrutar a sua infância e entrar em contato com experiências advindas da mesma. Não estamos negando a possibilidade de as crianças experimentarem e se colocarem em diferentes papéis sociais para poderem dar sentido às ações e as funções que irão desempenhar no futuro. Todavia, o que ressaltamos é que é interessante dar destaque ao momento em que as crianças se encontram, não focando apenas no futuro ou no adulto que se tornarão.

Considerações finais

Diante da notável presença de crianças no TikTok em um cenário de revolução digital, torna-se evidente a necessidade de abordar questões fundamentais relativas à exposição, representação e salvaguarda da infância neste novo contexto. A pesquisa evidenciou a vulnerabilidade acentuada das crianças, especialmente quando confrontadas com feedbacks baseados em sua aparência ou comportamento, situando-as em um cenário online potencialmente arriscado. Sendo assim, concluímos que se apresenta uma visão da criança como um ser que não tem direitos, mas sim, é vista como objeto. Pois, as postagens que viralizam não consideram a criança com suas particularidades e emoções, numa exposição excessiva que não se adequa a sua formação, tão pouco são capazes de revelarem o próprio contexto/situação em que ocorreram. Além disso, os resultados evidenciaram como os comentários com representações negativas das crianças, sendo retratadas como "malcriadas" ou como motivos de "chacota", podem ter uma influência negativa da infância por parte dos adultos.

Nossos achados corroboram o que foi posto por Lima, Santos e Covaleski (2020), que afirmam que ser criança na era digital pode ser desafiador. No entanto, com a orientação adequada, as crianças podem aproveitar as oportunidades positivas da tecnologia enquanto navegam pelas redes sociais. Além disso, é imperativo reconhecer que as crianças também têm direito à privacidade e ao respeito em sua presença online. Nesse sentido, é de grande importância que os pais e cuidadores considerem a permissão da criança antes de postar fotos

ou informações sobre elas nas redes sociais e respeitem suas escolhas e limites em relação à tecnologia, mesmo que de alguma forma elas não tenham noção do alcance dessa exposição.

Portanto, é fundamental educar as crianças sobre como navegar com segurança na internet, com um monitoramento e orientação das atividades online para garantir que elas tenham uma experiência segura e positiva nas mídias sociais. Por isso, é essencial que a sociedade reconheça e se mobilize frente aos riscos inerentes, buscando estabelecer um espaço digital que seja simultaneamente seguro e propício ao desenvolvimento saudável das crianças.

Apesar das diretrizes do TikTok voltadas para a segurança infantil, a questão da superexposição e da falta de supervisão adequada surge como preocupações centrais. Este estudo destaca que garantir a proteção das crianças no mundo virtual é um compromisso conjunto, que envolve tanto as plataformas digitais quanto os responsáveis pelas crianças e os próprios usuários. A principal restrição deste estudo relaciona-se ao tempo disponível para sua execução, considerando o prazo estabelecido para conclusão. Sendo assim, para pesquisas futuras, recomenda-se ampliar o intervalo de busca e investigar um número maior de hashtags, visando analisar um volume mais extenso de vídeos e, assim, obter uma compreensão mais abrangente da representação infantil na plataforma. Além disso, seria valioso conduzir entrevistas com pais e crianças para aprofundar o entendimento sobre a interação entre infância, responsáveis e tecnologia e buscar compreender o que essas crianças consomem online.

Referências

AGUIAR, Giancarlo de; ARAUJO, Saraina Gonçalves de; NIEBUHR, Miriam Cestari. A adultização da criança na atualidade face à mídia influenciadora. Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Videira, 2019.

AGRELA, Lucas. Brasil é segundo país que mais usa TikTok no mundo. Revista Exame, 28 set. 2021. Disponível em: <<https://exame.com/tecnologia/brasil-e-segundo-pais-que-mais-usa-tiktok-no-mundo/>>. Acesso em: 05 de maio de 2023.

ARAUJO, Lorena Silvestre. A erotização infantil induzida pela mídia sob a análise do princípio da proteção integral da criança. 2016.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011

BUCKINGHAM, David. Crescer na era das mídias eletrônicas. São Paulo: Ed. Loyola, 2007.

Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGI.br. Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil, ano 2022: Relatório de coleta de dados.

DORNELLES, Leni Vieira. Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2005.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002. BRASIL.

POSTMAN, Neil. O desaparecimento da infância. Rio de Janeiro: Ed. Graphia, 1999.

LEVIN, Esteban. Rumo a uma infância virtual?: a imagem corporal sem corpo. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2007.

KELLY, Kevin. Inevitável: as 12 Forças Tecnológicas que Mudarão o Nosso Mundo. Rio de Janeiro: Ed. Alta Books, 2011.

RAVASIO, Marcele; FUHR, Ana Paulo. Infância e tecnologia: aproximações e diálogos. Revista ETD - Educação Temática Digital, 15(2), p. 220–229, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.20396/etd.v15i2.1279>>. Acesso em: 10 de junho de 2023.

MARANGON, Cristiane. Crianças na era digital. Revista Pátio-Educação Infantil, Porto Alegre, Ano IX, n. 28, p. 40-43, jul./set. 2011. ISSN 1677-3721.

MICHEL, Maria Helena. Metodologia e Pesquisa Científica: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. São Paulo: Atlas, 2005.

MARTINS FILHO, José. A criança terceirizada: os descaminhos das relações familiares no mundo contemporâneo. Papirus Editora, 2008.

MUSSO, Pierre. A Filosofia da Rede. In: PARENTE, A. (Org). Tramas da Rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. 4a ed. Ed. Sulina, 2015.

OLIVEIRA, Fernanda Monteiro de. Superposição infantil nas redes sociais: reflexos emocionais na formação mental da criança. 2021.

OROFINO, Isabel. Recepção, consumo crianças: apontamentos para uma reflexão sobre o conceito de agencia na infância. In: ROCHA, Rose de Melo; CASAQUI, Vander. Estéticas midiáticas e narrativas do consumo. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2012. p.248-267.

PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants. In: On the horizon – MCB University Press, v. 9, n. 5, p. 1-6, out. 2001.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe. Cultura Infantil: A construção corporativa da infância. Rio de Janeiro, 2001.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2a modernidade. Braga, 2004.

TOMAZ, Renata. Youtubers mirins e as subjetividades infantis contemporâneas. In: FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula; PRADO, Denise. (Org.). *Celebridades no Século XXI*, volume 2: diversos perfis, diferentes apelos. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2020. p. 185-202.

LIMA, Antonia; DOS SANTOS, Débora Maria; COVALESKI, Rogério Luiz. Seu Filho Está on-line: Segurança Digital de Crianças e Controle Parental no TikTok. In: 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

SOBRE O/A(S) AUTOR/A(S)

Glenda Malta de Almeida. Mestranda em Ciências da Computação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Contribuição de autoria: autora.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4844849719846417>

Késia Wilds Santos Oliveira. Professora na Secretaria Municipal de Educação do Recife/PE.

Contribuição de autoria: autora.

Currículo Lattes:

Viviane de Bona. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE. Vice-Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa Interdisciplinar em Formação Humana, Representações e Identidades (GEPHFRI). Coordenadora do Laboratório de Estudos, Pesquisa e Extensão sobre Infâncias e Projetos Lúdico-Educacionais Inclusivos (LIPLEI). É também Conselheira do Conselho Municipal de Camaragibe (PE).

Contribuição de autoria: autora.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1031731260412032>.

Como citar

ALMEIDA, Glenda Malta de; OLIVEIRA, Késia Wilds Santos; BONA, Viviane de. As crianças no TikTok: uma análise sobre a exposição infantil na rede social. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 3, n. 3, e15631, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22481/redupa.v3.15631>.